

“EU SOU SEM FIM”: Biografia e contribuições de Lia De Itamaracá para o campo da cultura e das artes

“I AM WITHOUT END”: Biography and contributions of Lia De Itamaracá to the field of culture and arts

Renata Celina de Moraes Otelo¹

<https://orcid.org/0000-0001-9885-4810>

Recebido: 06/02/2024

Aprovado: 23/07/2024

Publicado: 31/12/2024

DOI: 10.5965/235809252812024e05170

¹ **Renata Celina de Moraes Otelo** possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007), Especialização em Ensino de Arte pela UFRN (2009) e é Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN pelo Departamento de Artes – DEART e Doutora em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança - PPGDança- na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Integra o Grupo de Pesquisa em Corpo, Dança e Processos de criação (Círandar DEART/UFRN). E-mail: renatacelina@hotmail.com

Resumo

Esta escrita versa sobre aspectos biográficos da cirandeira Lia de Itamaracá com reflexões críticas dessa trajetória e reforça as contribuições que a mestra apresenta à cultura brasileira na contemporaneidade. Com fazeres marcados pela resistência de uma mulher negra e periférica, os caminhos foram de percalços e enfrentamentos que deságuam hoje na consolidação de uma referência artística que compõe saberes e fazeres no campo da arte e da cultura. O artigo é parte dos estudos de mestrado (2014-2016) e doutorado (2019-2023) da autora e se constituiu a partir de revisão bibliográfica, entrevistas, análise de documentários e, especialmente, pela grafia do próprio corpo nas rodas de Ciranda.

Palavras-chave: Ciranda; Cultura; Lia de Itamaracá.

Abstract

This writing deals with biographical aspects of the cirandeira 'Lia de Itamaracá' with critical reflections on this trajectory and reinforces the contributions that the master presents to Brazilian culture in contemporary times. With actions marked by the resistance of a black and peripheral woman, the paths were full of setbacks and confrontations that today lead to the consolidation of an artistic reference that makes up knowledge and practices in the field of art and culture. The article is part of the author's master's degree (2014-2016) and doctorate (2019-2023) studies and was created based on a bibliographical review, interviews, analysis of documentaries and, especially, the writing of her own body in Ciranda's circles.

Keywords: Ciranda; Culture; Lia from Itamaracá.

Entre a Roda e o Mar: Lia de Itamaracá

*Carrego rugas
verrugas
vidas tartarugas em mim
Eu sou sem fim
(Desde menina - Chico César)*



Imagem 1: Lia de Itamaracá. Autor: José de Holanda.

Maria Madalena Correia do Nascimento, nasceu em 12 de Janeiro de 1944 na praia de Jaguaribe, uma linda praia localizada na Ilha de Itamaracá, no litoral Pernambuco –Brasil. Ao se apresentar, nos explica seu nome artístico “Maria Madalena Correia do Nascimento e Lia como artista. [...] Como você poderia ser chamada? Maria, Ía, Lia... veio a Ciranda pra acabar de casar e ficou Lia da Ciranda.”² (Lia de Itamaracá em entrevista) .

É assim que se apresenta aquela que desde 1960 vem cantarolando cirandas e formando novas rodas dançantes por onde passa. Sua predileção pelo seu lugar e por suas raízes de vida se fundem ao seu próprio nome artístico trazendo visibilidade e criando uma referência, ainda que estabelecida no imaginário popular sem uma definição geográfica exata para quem ouve: Ilha de Itamaracá. (Otelo, 2019).

Sua relação com o mar aparece na escolha das canções que interpreta e é também símbolo de sua religiosidade e devoção por Iemanjá que é um orixá feminino, possivelmente o mais conhecido no Brasil. É a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes. Ela rege o equilíbrio emocional e a loucura. Está presente em

² Fala de Lia de Itamaracá em entrevista realizada pela autora em 30 de Agosto de 2014 e posteriormente publicada pela pesquisadora na Revista Urdimento (2016). Encontra-se completa em anexo assim como disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/7780>

muitos mitos que tratam da criação do mundo (Prandi, 2001). Lia nos explica sobre sua fé em entrevista:

[...] católica apostólica romana. Eu sou filha de Iemanjá. Na terra espiritual eu sou filha de Iemanjá. [...] Ela é uma maravilha! Nunca pedi nada a minha mãe pra ela dizer “vai timbora que num eu gosto de tu não”. Maravilha, uma maravilha! Ela é do mar. Esse marzão todinho. Ela é dona de ponta a ponta. (Lia de Itamaracá, em entrevista)

A cirandeira é considerada Patrimônio Vivo de Pernambuco pelo Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural – CEPPC, mas não se sente valorizada em sua terra, sendo muitas vezes obrigada a girar sua roda de Ciranda em terreiros vizinhos com mais frequência do que na própria Ilha de Itamaracá. Esse fato sobressalta nosso olhar de que a patrimonialização, por si só, não resolve a condição de dignidade que os/as mestres/as deveriam ter. Embora haja a remuneração de uma bolsa mensal vitalícia financiada pelo Governo de Pernambuco, se torna inviável investir em figurinos, pagamentos dos músicos, entre outros elementos presentes em suas apresentações, além do próprio ato de sobreviver com integridade.

Lia de Itamaracá tem uma forte representatividade nessa expressão cultural, percorrendo diversas regiões brasileiras e alguns países da Europa e Estados Unidos em turnês, constituindo novas rodas nesses espaços. O início de sua carreira artística, datada na década de 1960, é marcada por oscilações em razão de percalços com antigos produtores e pelas dificuldades de políticas públicas que pouco corroboram para a fluidez de sua continuidade, além de financiamentos quase inexistentes.

Hoje a cirandeira Lia de Itamaracá acaba se ausentando com frequência para outras partes do Estado, do Brasil e do exterior buscando palcos e editais para promover suas apresentações, praticamente sem nenhum incentivo local.

Sendo mulher, negra, pobre, conseguiu promover insurgências, rasgando espaços com sua Ciranda, inclusive espaços acadêmicos. Ainda que durante décadas de desprestígio e anonimato, sempre criou forças para retomar seus trabalhos realizando novas parcerias até seu apogeu, vivido a partir do ano de 2019 e que permanece em continuidade nos últimos anos. Foram inúmeras as conquistas profissionais na direção de seu reconhecimento como mulher de saberes e fazeres e muitos obstáculos para alcançá-los,

conforme nos apontam os relatos e as aproximações que tivemos nos anos de pesquisa (desde 2014) até o presente momento e que vos apresento neste artigo.

Com quantas mãos se constrói uma Lia?

A Cirandeira conhecida como Lia de Itamaracá é uma mulher negra, de origem pobre, filha de Matilde Maria da Conceição - empregada doméstica – e Severino Nicolau Correia do Nascimento – agricultor de subsistência.

Seu pai tinha outra família e aos poucos foi se afastando da casa de sua mãe deixando-a com sete (07) filhos. Na situação de dona de casa até então, foi preciso que dona Matilde buscasse um modo de sobreviver e prover sobrevivência a seus filhos, indo trabalhar em uma casa de família como empregada doméstica na condição de poder levá-los para o trabalho, conforme narrativa de Lia:

Na casa de Santino Monteiro de Barros, um homem bem rico que tinha por aqui, estavam precisando de uma pessoa pra cuidar da casa, cozinhar, fazer de tudo. Minha mãe estava necessitada e aceitou. [...] Seu Santino era homem rico, mas simples, homem bom. Aceitou (levar as crianças). Tinha uma casinha num sítio e deu pra minha mãe morar com a gente. De dia a gente ficava tudinho na casa, ajudando. Não tinha isso de tomar danoninho não. Era tudo pequeno, mas todos trabalhavam muito. O chão da casa era de tijolo cru, aquele tijolo velho. Pra deixar brilhando a gente tinha que esfregar ele com casca de coco, pra ficar brilhando mesmo. Era tipo uma escravidão. Minha mãe ficava na cozinha, lavava uma roupa, corria pra lavar os pratos. A gente ciscava o quintal, varria o terreiro, limpava os móvi. (Lia de Itamaracá em entrevista a Marcelo Andrade 2018, s/p).

Ao rememorar seu passado na infância, Lia de Itamaracá descreve a situação com dor e busca justificá-la reforçando o que ela julga como bondade por parte do empregador: a aceitação de que sua mãe levasse as sete crianças para o ambiente de trabalho. O que vemos na verdade é a exploração da mão-de-obra não só de sua mãe adulta, mas também das crianças que tiveram suas infâncias abreviadas em razão da necessidade

de unir força de trabalho junto a sua mãe.

Narrativas como essa colocam em evidência a reflexão de Grada Kilomba (2019) sobre a imagem de controle que o homem branco colocava sobre a mulher negra, tal qual foi a mãe de Lia de Itamaracá. Na função de serventes maternais, os patrões justificam a subordinação e exploração econômica dessas mulheres, de modo que “A ‘mãe *negra*’ representa a relação ideal de mulheres *negras* com a branquitude: como amorosa, carinhosa, confiável, obediente e serva dedicada, que é amada pela família *branca*” (Kilomba, 2019, p. 142).

Além da exploração escancarada dos serviços da mãe *negra*, as crianças eram vistas como serventes. O que dizer dos adultos daquela casa que eram protegidos pelo trabalho prestado por crianças sem infância?

A cirandeira romantiza o fato de que não era tratada com segregação, explicando:

A gente comia tudo junto, da mesma comida que minha mãe preparava pra casa toda. A gente sentava na mesa e não tinha isso de comer depois que os ricos comessem. Lá não tinha essas besteiras, tanto que até hoje quando encontro Zeza e Socorro elas me chama de ‘minha irmãzinha’. Elas têm um orgulho danado de mim. (Lia de Itamaracá em entrevista a Marcelo Andrade para a publicação de sua biografia em 2018, s/p).

Como se se tratasse de um ‘grande favor’ o acesso a comida e o assento à mesa, Lia de Itamaracá tenta tratar com afeto e minimizar sua declaração anterior de que “Era tipo uma escravidão”. Tarde demais: sua fala tem em si incorporada a dor da opressão e da precariedade vivida. Estamos falando do poder e do controle que essa família tinha sobre a miséria e o desamparo da família da cirandeira. Falamos aqui de uma conjuntura de exploração humana e trabalho infantil em uma relação em que não se negocia com direitos, apenas deveres para todos os subordinados.

Incomoda-me o diminutivo de “irmãzinha” na narrativa, dita por parte das filhas do patrão ao reencontrar Lia de Itamaracá. A atitude de infantilizar, tratar com diminutivo o sujeito negro “[...] protege o *sujeito branco* de reconhecer a realidade de grupos oprimidos e, portanto, impede-o de olhar para si mesmo como opressor” (Kilomba, 2019, p. 200). Falamos aqui de uma relação que busca minimizar a real situação que aquela família rica exerceu, se apropriando dos seus empregados.

Dona Matilde, mãe de Lia de Itamaracá, que não teve acesso a aposentadoria por falta de registro trabalhista na casa dos patrões, se deparou sem qualquer outra opção de escolha de destino e permaneceu na casa até a saúde suportar. Essa foi sua condição, de servir até o fim, sem contestação. Tal prática nos lembra a escrita de Carla Akotirene (2019) ao explicar o pensamento da vanguarda de Sojourner Truth:

[...] raça impõe a mulher negra a experiência de burro de carga da patroa e do marido. Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que às mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; [...] (Akoutirene, 2019, p. 26)

E foi exatamente sob essa imposição social que a mãe de Lia de Itamaracá esteve; e era aquela construção de feminino e raça que também iam sendo formadas as filhas de Dona Matilde.

A herança da infância de Lia de Itamaracá, segundo Andrade (2019), foi a lida na cozinha, que posteriormente aperfeiçoou chegando a trabalhar como cozinheira em barracas de praia da região. Subsequentemente, tornou-se merendeira na escola pública de sua cidade; profissão que hoje é aposentada. Constatamos a restrição do acesso à educação por parte da mestra e de seus irmãos; restrição essa que certamente os/as filhas do patrão não tiveram. Essa sim – a educação - seria uma herança justa, já que os patrões os consideravam “da família”. Mas, à Lia de Itamaracá, a primeira série primária foi sua condição. O canto lhe gerou novas oportunidades, mas nada fácil a quem estava apartada do poder econômico, racial e letrado, passando por desenganos trágicos na sua carreira artística.

Ela conta que foi na Ilha seus primeiros passos na Ciranda desde menina, mais precisamente aos 12 anos de idade. Foi a única dos filhos a se dedicar à música.

O discurso religioso também atravessa a fala da cirandeira, que acredita ser a música um dom de Deus em sua vida e uma graça de Iemanjá, sua mãe protetora que nada lhe deixa faltar. Mulher de fé, simples, ativa e imponente na postura. Ao descrevê-la, Andrade (2019) a caracteriza como uma mulher grande “[...] 1m89 de altura, pés e mãos proporcionais ao tamanho do corpo. Dedos compridos, sorriso que mostra os dentes, os quais também despertam olhares.” (Andrade, 2019, p.19). Dou fé de todas essas características.

Hoje ela é reconhecida no Brasil e fora do país. É a fonte de um refrão famoso “Esta Ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá”; canção esta que inclusive foi fruto de uma disputa judicial pela autoria entre Teca Calazans, Lia de Itamaracá e Antônio Baracho. Este falecido, mas tem sua representatividade por suas filhas Dulce e Severina que inclusive compõem o vocal da banda da cirandeira. Os direitos autorais foram reconhecidos a ele, pois foi quem tinha mais testemunhas da veracidade da composição.

Concordo com Andrade (2019) ao mensurar que

[...] pra contar a história de Maria Madalena Correia do Nascimento, ou Lia de Itamaracá, ou Lia da Ciranda, não há outro caminho que não passe por essa música. Essa canção tão conhecida gera uma dúvida: Lia existe? Para muitos, a tal Lia é uma lenda presente no imaginário popular [...] (Andrade, 2019, p. 13).

Ou, quando não relacionada ao imaginário popular, é comum me perguntarem durante esses anos de pesquisa, se ela já é falecida. Isso já ocorreu várias vezes. Como ela mesma responde, explico também: “Vivinha da Silva” e reside no seu lugar de identificação, na praia de Jaguaribe, município da Ilha de Itamaracá-Pernambuco-Brasil.

Ela costuma assumir seu lugar de fala como mulher negra e não se distancia dos seus traços afirmativos, a exemplo do seu cabelo. Sabemos que o cabelo pode “[...] ser visto como uma declaração política de consciência racial através do qual ela redefine padrões dominantes de beleza” (Kilomba, 2019, p.127) e Lia de Itamaracá não se ocupa em ter de fabricar sinais de “branquitude”; ao contrário disto, reforça sua legitimidade como afro-brasileira. Isso também é visto em suas vestimentas, com estampas africanas, turbantes, tiaras coloridas, bijuterias extravagantes, desde o palco a momentos do cotidiano.

Sobre sua carreira, começou a acontecer era quase década de 1970. A música tocava no rádio e cada vez mais curiosos queriam saber quem era a Lia de Itamaracá que se ouvia na música gravada por Teca Calazans. Ela dizia ter composto a música em parceria com a compositora, mas Teca afirmava sequer conhecê-la e fazia reverência a Baracho como compositor. Conversa vai, conversa vem, Lia de Itamaracá se autodeclarou ser aquela mencionada na letra da canção e assim, lança sua carreira artística.

Diante da fama de Lia, conhecida na mídia, mas sem ter sequer uma apresentação artística, a dona do Bar e Restaurante Sargaço, na praia de Jaguaribe, Ilha de Itamaracá-PE, propôs que ela fizesse apresentações aos sábados e domingos e trabalhasse na cozinha. Era um bar frequentado por políticos e famosos do Estado.

O fundo do bar dava na beira-mar. No centro do estabelecimento havia um salão com as mesas ao redor. Nesse espaço Lia de Itamaracá puxava suas primeiras rodas de Ciranda. Nesse bar, ela trabalhava como cozinheira e entre o preparo de uma refeição e outra, também atendia o povo que a procurava para cumprimentá-la (Andrade, 2019).

Com a Ciranda sendo reconhecida como ‘dança da moda’ pernambucana na década de 1970, os festivais começaram na praia do Janga, distrito de Paulista - PE, com a cirandeira Dona Duda, como anfitriã no Bar Cobiçado, de sua administração.

Em 1973, o festival seguiu para a capital Recife, no Pátio São Pedro. Vinha gente de toda parte da região, além de atrair muitos turistas movimentando o comércio local. O evento acontecia anualmente com exigências cada vez maiores, forçando uma dinâmica acelerada em suas configurações, com editais que estabeleciam padrões nas apresentações.

Foi em um desses festivais, em 1974, que Lia de Itamaracá se apresentou pela primeira vez fora da Ilha de Itamaracá e foi a campeã, o que corroborou ainda mais com sua projeção na região, sendo estampada nas matérias dos jornais em circulação. A vitória também lhe rendeu um prêmio e visibilidade, mas a notícia aguardada estava por vir.

Em 1977, Lia de Itamaracá conheceu o empresário Fernando Borges e foi convidada para a gravação do seu primeiro disco – LP. A preparação com ensaios era feita em uma casa emprestada e as vozes do coro eram feitas pelos brincantes da própria comunidade. O trabalho teve a produção de Ozires Diniz, além de ter sido veiculado na mídia da época. Com a promessa de lançar a cirandeira pelo Brasil, Lia de Itamaracá conta o desengano que passou com esta produção:

Eles chegaram por aqui, me deram 25 cópias do disco e foram embora. Não sei quantos discos venderam, não sei quanto ganharam em dinheiro. Eu não tinha conhecimento de nada, não tinha um produtor pra me ajudar, era desconhecida no assunto. Ficou por isso mesmo. (Lia de Itamaracá em entrevista a Marcelo Andrade para a publicação de sua biografia em 2018).

Intitulado como ‘Rainha da Ciranda’, o LP gravado por Lia de Itamaracá não lhe trouxe o resultado financeiro esperado. Em contrapartida, ouvia sua voz reproduzida nas rádios, o que ocasionou convites para se apresentar em Recife, em festividades no pátio São Pedro, considerado lugar da música negra, com frequência permanente de cirandeiros, coco de roda, maracatu e afoxé (Andrade, 2019).

Foram anos sobrevivendo artisticamente cantando no Bar e Restaurante Sargaço e algumas apresentações fora da Ilha. Em meio a dificuldades financeiras, Lia de Itamaracá ainda custeava o cachê dos músicos e de alguns/mas dançadores/as que levava para as apresentações, mas “o que pagava era tão pouco que mal dava *pra* gente dividir e sobrar alguma coisa boa”, relembra a cirandeira. Ela chegou a fazer reportagem em rede nacional, no programa Fantástico, falando sobre o lançamento do seu LP, Rainha da Ciranda, mas as ‘flores’ não passaram disso.

Nesse período de lançamento do LP, casou-se com seu primeiro marido e foi morar em Igarassu -PE. Teve um filho que não sobreviveu, morrendo aos seis meses de idade. Descasou. Retornou para a Ilha de Itamaracá. Tempos depois, não resistiu aos encantos de Toinho, seu companheiro até os dias de hoje e parceiro na sua banda como instrumentista. Filhos biológicos dessa união não foi possível, mas tem por Chica, sua sobrinha, amor de filha que acredita ter sido Deus quem lhe deu para amar. (Andrade, 2019).

Com a fama de Lia de Itamaracá, a curiosidade de turistas e dos próprios pernambucanos iam tornando a Ilha de Itamaracá parte do circuito cultural e artístico do Estado. O Bar e Restaurante Sargaço tinha apresentações cada vez mais exitosas, atraindo bastante público. Nesse fluxo, a Secretaria de Turismo emplacou o I Festival de Ciranda de Pernambuco, em agosto de 1980, com a finalidade de ampliar o número de visitantes a cidade. Esse evento teve sua última edição em 1986 em razão da mudança de governo local. (Vicente, 2011).

Vicente (2011) aponta que com o término dos festivais e a falta de investimentos na cultura do município, o itinerário turístico toma outra direção: o litoral sul. Nos deparamos com o despreparo e a incompetência das lideranças locais em não saberem valorizar o lugar que se consagrou no imaginário popular, através de uma cirandeira que transformou aquela localidade anônima em um ponto de referência turística.

Foram anos realizando apresentações em bares e festividades com cachês sempre incertos, a depender do que o contratante estivesse disposto a pagar. O dinheiro

sempre curto e muitos sonhos a concretizar, entre eles a oportunidade de lançar um novo álbum, dessa vez, que pudesse usufruir dos resultados do seu trabalho.

Já era o ano de 1998, quando Lia de Itamaracá conheceu Beto Hess. Ele a procurou em sua residência e, vendo a precariedade que a cirandeira enfrentava, propôs uma parceria de trabalho, que inclusive dura até hoje.

Em 2000, saiu seu CD, 'Eu Sou Lia', lançado pela Ciranda Records e reeditado pela Rob Digital, cujo repertório incluía Coco de raiz e loas de Maracatu, além das Cirandas. Essa configuração é ainda hoje utilizada em suas apresentações artísticas em que ela divide seu repertório em blocos musicais com esses ritmos. O álbum surgiu de uma gravação realizada durante um show, com algumas edições de ordem técnica foi possível realizar seu lançamento. Intitulado como "Eu sou Lia", na primeira pessoa, "[...] teve realmente a função que Lia e o produtor queriam: afirmar que aquela mulher, dona daquela voz, daquela história e daquelas canções, era de fato Lia de Itamaracá" (Andrade, 2019, p. 68).

A comercialização do álbum foi burocrática e com alguns aborrecimentos. Frente aos desafios surge sua declaração emblemática: "Não quero homenagem depois que eu morrer, não. Se tiverem de fazer algo por mim, que façam enquanto eu estiver viva"; até hoje ela reproduz sua fala de indignação e resistência resumindo-a em: 'quero flores em vida'.

“Flores em Vida”: A dignidade e o reconhecimento da mestra

Ciente da importância dos Patrimônios Vivos de Pernambuco e seus múltiplos saberes, fazeres, formas de expressão, tradições, memórias e histórias, o Governo de Pernambuco, por meio da Secult-PE/Fundarpe, através da lei nº 12.196 de Maio de 2002, com a Lei de Registro de Patrimônios Vivos de Pernambuco, vem consolidando um conjunto de ações e atividades que visam o reconhecimento, o apoio e, acima de tudo, a perpetuação dos conhecimentos e técnicas acumulados por esses artistas e grupos, que ao longo de anos vêm se dedicando à produção e difusão da cultura popular e tradicional.

A patrimonialização dos tesouros vivos, embora não resolva as arestas seculares de negação sofrida pelo saber centralizado da academia, contribui para gerar

reconhecimento e autonomia identitária. A aclamação desses mestres e mestras como guardiões das tradições, inclusive oral, possibilita as manifestações de matriz afro-brasileira por se configurar como um movimento de mobilização social negra, cujas instituições públicas atuam de forma reparadora.

Além do reconhecimento, os homenageados recebem uma pensão vitalícia que difere de valor entre mestres e grupos. Tomando como base o ano de 2020, hoje essa pensão equivale a cerca de R\$1.800 reais para a cirandeira. Lia de Itamaracá teve seu reconhecimento de Patrimônio Vivo de Pernambuco no ano de 2005, sendo consagrada no primeiro ano de implementação do projeto.

Diante do feito, os beneficiados precisam realizar iniciativas culturais e educacionais, através da Fundação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Pernambuco. Nada de novo para a cirandeira que já sonhava em movimentar um espaço cultural nessa perspectiva e que conseguiu concretizar esse feito inaugurando o Centro Cultural Estrela de Lia - CCEL, na beira mar da praia de Jaguaribe, Ilha de Itamaracá. A instalação do espaço gerou bastante repercussão na mídia. Lia de Itamaracá não parava de contar a novidade aos repórteres através de filmagens, documentários, muitas fotos e entrevistas.

A arquitetura era improvisada em um bar que havia funcionado no local e que Lia de Itamaracá havia comprado. A matéria prima era de ambiente praieiro, com palhas de coqueiro, troncos e uma parte de alvenaria que dava estrutura ao palco, ao bar e aos banheiros. Aos poucos, Lia de Itamaracá junto a seu produtor Beto Hees, foi investindo e organizando os espaços para a realização das atividades. O bar funcionava nas noites de apresentações artísticas e ajudava no retorno financeiro.

Durante o dia, o CCEL realizava oficinas para crianças e jovens da Ilha de Itamaracá. Destacavam-se as de arte, cerâmica, percussão, fotografia, malabares, rabeca, teatro, cavalo-marinho e ciranda. As atividades costumavam ir ao encontro de temas sociais da contemporaneidade, como a violência física e verbal no ambiente escolar; sexualidade; Itamaracá e o meio-ambiente; técnicas da pesca não predatória em Itamaracá; resgate das práticas religiosas afrodescendentes na Ilha de Itamaracá e a história do local. Toda a programação cultural realizada no local era feita de modo gratuito. (Otelo, 2019). Em 2010 as atividades foram cessadas no CCEL e o inevitável aconteceu nos anos seguintes: o espaço desmoronou (2014) por se encontrar com a estrutura frágil, sem manutenção adequada, com fortes chuvas que se deram em Recife

e região.

As visitas das escolas da região também eram frequentes, no intuito de conhecer a cirandeira, sua história de vida e artística, também eram feitas oficinas de Ciranda com as crianças. Dentre as atividades que eram ofertadas, essa é uma das poucas que conseguiram permanecer ativas, mesmo sem o Centro Cultural, em espaços alternativos na comunidade local.

A noite e nos finais de semana, o centro cultural abrigava projetos de música com a Mestra e outros/as mestres/as convidadas/os. Conseguiu investimentos significativos para a execução dos trabalhos, mas outras parcerias sem sucesso apareceram no caminho de Lia de Itamaracá e Beto, inviabilizando os repasses que o CCEL recebia do Governo Federal: prestações de conta inconsistentes em razão de ter tido acesso ao recurso com o CNPJ de uma empresa “amiga” – DJUMBAY – que não disponibilizou os valores na totalidade para o CCEL, causando indignação e revolta à cirandeira e sua produção. O caso foi parar na Receita Federal.

Foi nesse momento que encontrei Lia de Itamaracá a primeira vez (2014): com tristeza e um nó na garganta que chegava a doer. A cirandeira me contava a tragédia com sofrimento, diante das ruínas de um sonho que foi palpável por um instante:

Sem manutenção. Beira de praia. De madeira. Eu sem poder ter condições de fazer manutenção dele. [...] Quer dizer, eu e Beto que tirava dinheiro das casas da gente para pagar os shows de todo sábado... tá aí... o Espaço Cultural. Sem ter ajuda de nada, sem ter manutenção. As vezes o SESC patrocinava. Tinha outro, às vezes ficava dois, três meses e ali, acabou, partia de novo *pro* bolso da gente. Quer dizer que eu e Beto *tava* numa situação de pagar, tirar do bolso da gente pra fazer ali o Espaço Cultural que é uma responsabilidade muito grande. É responsabilidade com energia, é com o bar pra vender a cervejinha, o refrigerantezinho, o tiragostinho, tem os funcionários e a gente tem responsabilidade com eles pra pagar. (Lia de Itamaracá, entrevista com a autora em 2014).

Na ocasião, Lia de Itamaracá também destacou suas idas e vindas em busca de ajuda governamental na prefeitura de Itamaracá, ela também reforça o descaso das políticas públicas locais. Foram várias as iniciativas para a reconstrução do Centro

Cultural Estrela de Lia. Temos acompanhado todas elas. Ela sempre de modo aguerrido, insistente no foco de dar continuidade a esse trabalho. No momento em que escrevo fico pensando se só resta a opção de ser forte para esta mulher e para outras mulheres negras das periferias. Que outra condição ela poderia gozar, não fosse aprisionada na natureza de aprender a sofrer e se recompor desde menina? Quando é permitido a mulher negra, ser sem sofrer? Encontramos enunciados de uma possível resposta na discussão elaborada por Grada Kilomba (2019) ao nos explicar que

A ideia de “supermulher de pele escura” [...] pode, por um lado, ser vista como uma estratégia política para superar as representações negativas das mulheres *negras* no mundo *branco*. Mas, por outro lado, aprisiona as mulheres negras numa imagem idealizada que não nos permite manifestar as profundas feridas do racismo. (Kilomba, 2019, p.192)

Por que Lia de Itamaracá terá sempre que ser forte e corajosa? Ninguém se sensibiliza com o cansaço humano dessa mulher? Lia de Itamaracá sequer menciona descanso, como se sua vida estivesse mesmo, e sempre, designada a trabalhar como condição única. Falamos aqui da satisfação em manter seu espaço em funcionamento, próximo a sua residência. Aos 80 anos (em 2024), o corpo sinaliza e requer cuidados maiores. São muitos deslocamentos em todo o Brasil e no exterior para levar sua Ciranda. Por que não podemos nós, nos movermos ao encontro dela?

Para que possa voltar a receber as rodas dançantes, de modo que a cirandeira esteja mais presente nas atividades em sua cidade natal, inclusive com mais conforto em seu lugar de predileção e identificação cultural, torna-se fundamental a revitalização do seu espaço. Sua fala emocionada elucidava o que as palavras conseguiram me dizer naquela manhã ensolarada de sábado³: “*Aqui é minha praia. É diferente de outras praias, de outros setores[...]*”. Seu desejo de reativar o Centro Cultural nunca deixou de ser meta a alcançar. Sim, Lia, a Ilha é sua.

É importante frisar também que, além da desativação do Centro Cultural, as poucas contratações da Ciranda realizada pela Prefeitura de Itamaracá, assim como de Recife, retardam o pagamento dos cachês das apresentações dos mestres e artistas populares locais. Essas apresentações são realizadas de modo sazonal, especialmente nos

³ Entrevista realizada pela autora a Lia de Itamaracá em 30 de Agosto de 2014.

períodos carnavalescos e juninos. Nessas ocasiões, artistas do cenário nacional também se apresentam e acabam sendo tratados de modo diferenciado em diversos aspectos, inclusive com valores de cachês bem mais altos, acentuando a falta de compromisso e a precariedade com os quais os artistas locais são tratados em diversas situações. Foram realizadas várias campanhas e parcerias para a reconstrução do Espaço Cultural, que aos poucos foram gerando impactos positivos. Embora o local não se encontre em plenas condições de uso, está em fase de reconstrução para retornar suas atividades, mas até o presente ano ainda não está concluído (Oteló, 2019).

Com muita resistência e insistência, no dia 23 de agosto de 2016 foi assinado um convênio com a Fundarpe para o repasse de R\$ 100 mil reais, referente à Emenda Parlamentar Estadual (260/2014), do deputado Guilherme Uchôa. A ação visava a execução do projeto de requalificação do espaço, dando início da reconstrução do Centro Cultural Estrela de Lia. Esse fato foi comemorado pela cirandeira com grande festa na Ilha de Itamaracá, com o prazo de noventa (90) dias para a entrega do espaço, causando grande expectativa aos que acompanham essa trajetória.

Em 20 de Janeiro de 2017, foi feita a inauguração da primeira parte da entrega da obra, que na primeira etapa compreendeu a estrutura parcial apenas do Palhoção da Ciranda. Na ocasião, a cirandeira falou sobre seus dias de luta e do sentimento de felicidade, reconhecendo a necessidade permanente de parcerias para a continuidade: “Eu, sozinha, não podia levar esse trabalho, que amo fazer, que é a ciranda junto com minha comunidade, e também com os visitantes. A Ciranda é uma união e vai seguir assim” (Lia de Itamaracá, 2017)⁴. O fato é que, atualmente, 2024, Lia de Itamaracá e sua produção, ainda vêm acompanhando e batalhando em prol dessa revitalização que parece não ter data certa para finalizar. Em meio a essa luta, atualmente a Mestre vem colhendo os frutos de seu trabalho mais efetivamente, ainda que tardiamente, nos últimos anos. Com um triunfo de rainha, o ano de 2019 foi um marco com muitas homenagens e conquistas. As “flores em vida”, enfim, chegaram na carreira da cirandeira. A emoção e a consciência do seu conhecimento aparecem nas suas palavras: "Agora estou colhendo o que plantei no passado".

O carnaval pernambucano abriu as portas das homenagens, sendo ela o tema central do Galo da Madrugada, o maior bloco de carnaval do mundo, com visibilidade

⁴ Matéria publicada em 20 de janeiro de 2017 por Ministério da Cidadania - Regional Nordeste. Disponível em: <http://culturadigital.br/mincnordeste/2017/page/158/>

internacional.

Além do Galo da Madrugada, o Bloco o Homem da Meia Noite, também bastante popular e tradicional em Recife, teve Lia de Itamaracá como sua homenageada naquele ano. A Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco (Fenearte) destacou a Ciranda em 2019. Lia de Itamaracá também foi a inspiração de uma coleção de moda praia da empresa Rush, com tecidos, maiôs, cangas, bolsas e uma série de outros objetos trazendo sua figura ou imagens a ela relacionada. Houve o lançamento de dois livros com sua biografia. O “Lia de Itamaracá”, escrito pelo jornalista Marcelo Henrique Andrade, que acompanhou desde a infância a trajetória da cirandeira e que inclusive fortalece narrativas para esta escrita; e “Lia de Itamaracá: nas rodas da cultura”, escrito pela jornalista Michelle Assumpção. A literatura tem sido uma vertente nova que está permitindo que Lia se apresente em um novo circuito, percorrendo feiras e festivais literários, fazendo falas e expandindo um lado biográfico. Embora não tenham sido escritos por ela, os livros foram feitos em parceria e autorização.

Sua atuação como atriz em “Bacurau”, um dos filmes mais emblemáticos, controversos e premiados dos últimos tempos, dos cineastas Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, rendeu muito assédio e notoriedade à cirandeira, que já havia atuado em alguns outros trabalhos anteriormente. Sua personagem foi a Dona Carmelita.

Ainda em 2019, deu entrevistas para vários programas e canais da televisão brasileira, como o Fantástico, o programa de Pedro Bial, o GNT, o CNT, o Canal Brasil, além de documentários⁵ de várias outras produtoras.

Foi possível também, após mais de uma década do seu último disco, ‘Ciranda de Ritmos’ (2008), lançar seu novo trabalho: Ciranda sem fim (2019). Dessa vez, Lia de Itamaracá passeia por alguns estilos diferentes da Ciranda, mas não deixa sua base musical fora do trabalho. Diferente dos demais, foi lançado em plataformas digitais, ajudando na difusão das canções, além do CD físico, que também pode ser adquirido.

Lia de Itamaracá ainda recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Seu reconhecimento se dá por ela fazer parte do imaginário pernambucano e nacional, como símbolo vivo da memória, da música negra e efetividade da cultura popular, o que reforça a pluralidade do saber. Na

⁵ Documentários: Entrevista: Lia de Itamaracá, embaixadora da Ciranda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3VvB-rfc-0> ; Lia de Itamaracá e ‘a ciranda no meio do mundo’. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=SwjaFirCFXw>

imagem abaixo, o momento de sua titulação:



Imagem 2: Lia de Itamaracá recebendo o título Honoris Causa na Universidade Federal de Pernambuco em 27 de agosto de 2019. Fonte: Ytallo Barreto, 2019.

Vemos que esse movimento de reconhecimento dos mestres e mestras fortalece a discussão da decolonização nos espaços acadêmicos que foi instituído no Brasil com uma episteme exclusivamente ocidental, desmerecendo todo o saber já encontrado em sua própria terra. Entendemos que a aproximação com esses saberes

[...] implica que todos os conhecimentos ligados a tradições ancestrais, vinculados a corporalidade, aos sentidos e à organicidade do mundo, enfim, aqueles que do ponto zero eram vistos como ‘pré-história’ da ciência, comecem a ganhar legitimidade e possam ser tomados como pares iguais no diálogo de saberes. Contudo, na universidade a obtenção dessa legitimidade não é coisa fácil. (Castro-Gómez, 2007, p.89)

Esse tipo de reconhecimento ainda são ações pontuais e espaçadas por parte das universidades brasileiras, mas ainda assim, chega como indício de deslocamento desse saber predominantemente eurocentrista, geralmente validado como ideal.

Ao receber o título, a cirandeira declara:

É com muito carinho que eu recebo esse título, como reconhecimento do meu trabalho. Na cultura, na música, em tudo o que eu posso ter direito de um dia fazer. Agradeço a todos os que me deram esse prêmio. Me sinto muito honrada

e feliz porque não é todo dia que eu recebo um prêmio desses, mas Deus disse 'espere'. Eu esperei e estou aqui", disse a artista em entrevista. (Lia de Itamaracá, 2019)

Certamente se trata de mais um momento muito especial para ela e para a cultura universitária, por ter a oportunidade de conhecer saberes expandidos e referenciados de seu contexto. Ações como esta precisam crescer e se propagar, inspirando esses espaços de conhecimento.

Com uma pausa entre 2020 e 2022 em razão da pandemia mundial (Covid-19) que levou a sociedade ao isolamento, Lia de Itamaracá foi retornando aos palcos paulatinamente, como aconteceu com toda classe artística, e um desses retornos foi com uma nova turnê na Europa em que se apresentou na Alemanha, Suíça, Portugal, na Inglaterra e em Bruxelas.

Essa expansão também territorial, como mais uma maneira de validar a importância de Lia de Itamaracá no cenário cultural contemporâneo da música e dança brasileira, reforçam os modos como temos que valorar nossa legitimidade ancestral frente ao mundo, inclusive europeu, com uma distribuição reversa do que são nossas raízes e qual chão queremos propagar como pertencimento.

Considerações circulares

A história da Cirandeira Lia de Itamaracá reforça o entendimento de que os mestres e mestras da cultura popular, assim como suas práticas, são a extensão dos saberes que nos são próprios e nos coloca em direção ao reconhecimento do nosso lugar e identidade. Sua trajetória de resistência atravessa décadas e ocupa o cenário cultural brasileiro com um legado que já é visível na cena artística nacional e internacional, merecendo as devidas homenagens e valorização. As flores em vida.

A nós, artistas da cena, cabe olhar para essas referências, vivenciá-las e entendê-las em curso pois elas extrapolam o lugar folclorizado do passado, do antigo, do exótico, uma vez que fazem parte do presente servindo, inclusive, de base e inspiração para composição de repertórios e criações.

Saudações à mestra! Viva a Lia de Itamaracá!

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Marcelo Henrique. **Lia de Itamaracá**. 1 ed. Recife-PE, Provisual, 2019.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. (ORGs). **El giro decolonial**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Pontificia Universidad Javeriana, 2007. P. 79-91.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- OTELLO, Renata Celina de Moraes. **Corpos da ciranda: Narrativas poéticas e estéticas da Ciranda de Lia de Itamaracá**. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2016.
- OTELLO, Renata Celina de Moraes; VIEIRA, Marcílio de Souza. **A mestra da Ciranda: entrevista com Lia de Itamaracá**. Urdimento, v.2, n.27, p.458-466, dezembro 2016.
- OTELLO, Renata Celina de Moraes. **Ninguém solta a mão de ninguém: cirandando com Lia de Itamaracá em mediações culturais e educacionais em Dança**. Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, maio de 2023.
- Documentário: Entrevista: Lia de Itamaracá, embaixadora da Ciranda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3VvB-rfc-0> ; Lia de Itamaracá e 'a ciranda no meio do mundo'. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=SwjaFirCFXw> acesso em dezembro de 2022.